

EJA, CLAVE DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Jaiza Lopes Dutra Serafim
jaizadutra@gmail.com

André Magri Ribeiro de Melo
andre.letraslp@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão (Assu/RN)

Resumo: Considerando a influência marcante de Paulo Freire no processo de construção e efetivação da EJA – Educação de Jovens e Adultos no Brasil pretende-se, neste artigo, buscar de maneira epistemológica refletir acerca das condições de ensino e de autonomia nas práticas docentes da EJA. Tomando por guia teórico-metodológico as concepções freirianas de educação como prática libertária, direito de todos os cidadãos, discutiremos tópicos como a evasão escolar, a não efetivação da EJA, os desafios de uma educação emancipadora, e os paradoxos que enfrentamos para a construção da liberdade de pensamento tão almejada entre educandos e educadores. A educação como prática de liberdade pode muito, pois empodera e legitima as vozes dos sujeitos e sujeitas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Libertária; Paulo Freire.

EDUCAÇÃO: saberes múltiplos, identidades em construção

Nos caminhos de Freire, compreendemos a educação como esta seara de abrangências múltiplas que é marcada, primordialmente, pela construção de saberes múltiplos e ressoantes em diversos lócus e advindas de sujeitos de todas as classes e culturas. É a partir desta concepção que passamos a pensar ações construtivas de ensino-prática docente/discente entre educadores e educandos, entendo que apenas este esforço de interpretação dos fenômenos da educação é que poderão contribuir positivamente para a construção e formação crítico-social, acadêmica, autônoma e libertária na vida de cada sujeito. Tudo isso se destaca em proporções

significativas quando percebemos que aprendendo podemos tomar as rédeas da nossa própria história, escrevendo-a a partir do conhecimento que possuímos, não mais precisando de reproduções, mas passando a ressignificar nossas experiências. Emancipamo-nos pelo ato de assunção libertador de pensar.

É nessa perspectiva que a educação emancipadora deve centrar-se. Freire (1996) preconizou este pensamento muito cedo: “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo”. São estes anseios de educação libertária que devem fazer-se presentes no ensino-prática da educação de jovens e adultos, já que todos estes educandos buscam e precisam assumir o seu papel de cidadãos críticos, políticos, sociais.

O educador da EJA deve ter como principal função formar sujeitos capazes de refletir e produzir conhecimentos atuando como cidadãos conscientes de sua condição e da necessidade de transformá-la continuamente. Para que isto seja realizável a leitura deve estar presente na realidade do educando, pois se trata de um componente indispensável à condição de liberdade. Ler transforma. E acerca desta premissa Paulo Freire defende (1996, p.81):

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra".

Para Paulo Freire, o respeito à leitura de mundo do educando, por parte do educador, é de real importância e por isso ele afirma que “a leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (FREIRE, 1996, p. 123). Assim o educador da EJA deve alfabetizar valorizando o educando como sujeito ativo e consciente no processo de ensino-aprendizagem.

A EJA tem sido de grande importância na construção e legitimação da cidadania. O conhecimento da palavra proporciona um leque de possibilidades na

vida do alfabetizando. Ele passa a ter consciência dos seus direitos, orgulho da sua origem, condição de inclusão na sociedade, além de poder para agir e atuar de forma crítica e construtivista perante os desafios contemporâneos. Neste processo de autolibertação e autoformação, os educandos imprimem nova leitura do mundo, do seu mundo, como verificamos a seguir (FREIRE, 1996, p.82):

Recentemente, ouvi de jovem operário num debate sobre a vida na favela que já se fora o tempo em que ele tinha vergonha de ser favelado. [...]. Não é o favelado que deve ter vergonha da condição de favelado mas quem, vivendo bem e fácil, nada faz para mudar a realidade que causa a favela. [...]. No fundo, o discurso do jovem operário era a leitura nova que fazia de sua experiência social de favelado. [...] Sua luta foi mais importante na constituição do seu novo saber do que o discurso sectário do militante messianicamente autoritário.

É importante destacar que na EJA há vários desafios que precisam de enfrentamento sério e consistente, tanto do lado do professor quanto do lado do educando. Sala de aula com heterogeneidade de alunos, dificuldades de aprendizagem, alunos cansados das suas jornadas de trabalho e com baixa autoestima. O professor precisa constituir-se como um diferencial na vida dos estudantes, trabalhando e acreditando que a mudança é possível, não desistindo diante dos grandes desafios que irão surgir e exercendo seu direito à luta, à voz e à melhoria da sua condição sem, necessariamente, despir-se da esperança de transformar o mundo pela palavra.

Necessitamos de uma pedagogia que conscientize e liberte. A educação nos mostra que a liberdade de escolha e mudança é possível. Desde o mais rico ao menos favorecido todos precisamos de autonomia para construir uma sociedade menos desigual e cada vez menos opressora. É preciso que se olhe a EJA não como simples entrega ou transferência às massas populares de conhecimentos introdutórios da língua. A EJA, como todos os segmentos educacionais, precisa aliar a alfabetização às práticas de letramento, formando os indivíduos em sua integralidade.

É preciso desmistificar essa ideia de que é difícil lidar com a EJA dada a “incapacidade” produtora dos educandos; faz-se importante que toda comunidade educacional compreenda o valor do diálogo e da interação entre educandos e educadores, de forma que as situações pedagógicas propostas operem a partir dos

conhecimentos que constituem estes sujeitos, para que a educação inicie seu processo de transformação tendo como epicentro os próprios envolvidos no ato de educar. O que temos preconizado é resumível numa outra reflexão do patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1989), todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa e, por isso, aprendemos sempre. Ausubel (*apud* Moreira, 2001) ratifica a fala de Freire ao comentar que quando o educador transmite um novo saber contextualizando o conhecimento prévio do aluno com sua realidade, a capacidade de assimilação é muito maior. Trata-se, então, de um novo estado: não mais transmissão, mas construção de conhecimentos.

Em nossa pesquisa observamos que para que a educação básica na modalidade EJA tenha resultados que realmente possibilitem a construção de novos saberes, é indispensável o democrático convívio entre educadores e educandos, no qual cada um respeite o conhecimento e a realidade do outro. Para que as teorias utilizadas no ambiente escolar tenham real funcionalidade devem ser adaptadas à realidade do educando, utilizando temas geradores e didática que propiciem um intercâmbio entre o conhecimento didático e o interno, promovendo a legitimação da cidadania e a formação de indivíduos críticos e atuantes.

O presente texto buscou analisar alguns pontos da Educação de Jovens e adultos sob a perspectiva Freiriana. A revisão bibliográfica aponta que desde sua criação a modalidade EJA tem passado por grandes mudanças. Inicialmente, era um programa de governo voltado aos interesses do capitalismo, ou seja, amenizar o analfabetismo com o intuito de crescimento econômico do país. Neste processo, a EJA enfrentou obstáculos contundentes como massificação do ensino, falta de professores engajados e devidamente formados, marginalização do conhecimento, evasão escolar e preconceito da sociedade. Há que se registrar, porém, que depois da utilização da pedagogia empreitada por Freire a EJA tem passado a ser vista com olhos mais humanizadores e inclusivos, o que se deve, em muito, à experiência das *40h de Angicos*, desenvolvida no sertão do Rio Grande do Norte.

Compreendemos, pois, que a EJA constitui-se como possibilidade singular e refigurada para a transformação da realidade do analfabetismo no Brasil, bem como no que se refere ao combate às desigualdades múltiplas que assolam as populações marginalizadas. Ela permite ao cidadão acesso a conhecimentos que o fazem capaz de formar opinião e defender seu ponto de vista. O crescimento dos jovens e adultos a partir da leitura de mundo contextualizada com o conhecimento do ambiente

escolar tem forte peso na emancipação do sujeito. A troca de saberes entre professores e alunos proporciona autonomia a ambos, conscientizando-os de seus direitos e deveres, além de desenvolver os saberes adquiridos dentro e fora da escola. Cabe ao professor assumir seu papel de mediador e proporcionar ao aluno espaços efetivos para a construção cognitiva humanizadora, levando-o ao que todo cidadão tem direito: tornar-se, pelos caminhos da educação, um ser crítico e atuante na sociedade, no trabalho, na vida. Assim, a EJA cumpre seus papéis e exerce, em completa integralidade, seu papel de chave da educação libertária.

REFERÊNCIAS:

BARONI, Patrícia. **Conhecimentos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: Degrau Cultural, 2012.

BRASIL, (MEC). **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/** Paulo Freire.- São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo;4)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/**Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

HADDAD, Sérgio. A educação continuada e as políticas públicas no Brasil. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado das Letras, Ação Educativa, 2001.